

A “PRINCESA DO SERTÃO” EM MEMÓRIAS: NARRATIVAS DE IDOSOS SOBRE OS LUGARES E COTIDIANOS DA CIDADE

Dagmar Ribeiro Duarte¹
Jussara Fraga Portugal²

RESUMO

Este trabalho comporta um recorte da pesquisa de mestrado *Tempos, Memórias e Histórias: Narrativas sobre os lugares e os cotidianos da cidade “Princesa do Sertão”*. Na pesquisa, abordamos uma questão-chave na atualidade que diz respeito à importância da análise das experiências vividas por idosos, sobre os lugares e cotidianos da cidade “Princesa do Sertão”, por considerar que são sujeitos que testemunharam e participaram da construção sócio-histórico-cultural do lugar. A intenção foi buscar compreender como os lugares e cotidianos da “Princesa do Sertão” são retratados, mediante a evocação de memórias de oito idosos moradores da referida cidade, considerando as dimensões temporais (passado e presente). O percurso metodológico contemplado se apoia na abordagem qualitativa da Pesquisa Narrativa, ancorado no método (auto)biográfico, cujos dispositivos de recolha de dados foram o questionário biográfico, a entrevista narrativa e fotografias. Torna-se relevante destacar que as fotografias compuseram o acervo imagético e possibilitaram a análise contrastiva temporal e espacial dos lugares da cidade narrada. As narrativas dos idosos são testemunhos da história da cidade, cujos lugares foram concebidos como cenários das vidas em movimento, das identidades forjadas, das vivências e das situações experienciadas cotidianamente.

Palavras-chave: Cidade, Idosos, Memórias, Tempos, Narrativas.

ABSTRACT

This work includes a clipping of the master’s research *Times, Memories and Stories: Narratives about the places and everyday life of the city “Princess of the Sertão”*. In the research, we address a key question at the present time that concerns the importance of analyzing the experiences lived by the elderly, about the places and daily life of the city “Princesa do Sertão”, considering that they are subjects who witnessed and participated in the construction historical-cultural of the place. The intention was to seek to understand how the places and daily life of the “Princess of the Hinterland” are portrayed, through the evocation of memories of eight elderly residents of that city, considering the temporal dimensions (past and present). The methodological course contemplated is based on the qualitative approach of Narrative Research, anchored in the method (auto)biographical, whose data collection devices were the biographical questionnaire, the narrative interview and photographs. It is relevant to highlight that the photographs composed the imagery collection and enabled the temporal and spatial contrastive analysis of the places of the narrated city. The narratives of the elderly are testimonies of the history of the city, whose places

¹ Mestre em Estudos Territoriais pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (Proet), Universidade do Estado da Bahia – UNEB, dagrduarte@gmail.com

² Professora titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB / Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – Proet. Líder do Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores, jportugal@uneb.br / jfragaportugal@yahoo.com.br.

were conceived as scenarios of moving lives, forged identities, experiences and situations experienced daily.

Keywords: Full article, Scientific norms, Congress, Good luck.

APONTAMENTOS INICIAIS

As cidades, em decorrência dos processos de urbanização e globalização, vêm sofrendo transformações. Isso implica uma dinâmica contínua de construção e reconstrução dos espaços urbanos, resultando em mudanças significativas nas paisagens e na vida cotidiana dos seus habitantes.

No que diz respeito à população idosa, os impactos têm sido particularmente expressivos uma vez que no processo de modernização das cidades e a introdução de novos equipamentos urbanos resultam na perda de referenciais históricos e uma nova reconfiguração espacial, modificando as relações desses sujeitos com/nos lugares da cidade.

A perda de referências históricas é uma faceta importante desses impactos, pois as mudanças urbanas muitas vezes envolvem a demolição ou remodelação de estruturas antigas, ou seja, perdas ou mudanças das formas espaciais, que são elementos essenciais da identidade histórica de uma cidade. A introdução de novos equipamentos urbanos pode alterar a funcionalidade dos espaços urbanos afetando as interações diárias e as rotinas da população, principalmente a população idosa. Além disso a reconfiguração espacial, resultante dessas transformações urbanas, tem implicações diretas nas relações dos idosos com os lugares de vivências da cidade. Lugares que antes eram familiares podem sofrer significativas modificações, levando-os a necessidade de adaptação a novas formas e contextos espaciais. Isso pode influenciar não apenas na mobilidade física, mas também nas relações sociais e emocionais, uma vez que a conexão com o ambiente urbano desempenha um papel fundamental na qualidade de vida das pessoas idosas.

Nesse contexto, observa-se que cidades de grande e médio porte, a exemplo de Feira de Santana, Bahia, também nomeada como a “Princesa do Sertão”, vem passando por recorrentes reconfigurações urbanas, evidenciando uma propensão para o surgimento de estabelecimentos comerciais e de serviços. Esse processo, em muitas instâncias, tem resultado na perda de diversos referenciais históricos e culturais que compõem a identidade da cidade.

Diante do exposto, a pesquisa de mestrado intitulada *Tempos, Memórias e Histórias: Narrativas sobre os lugares e os cotidianos da cidade “Princesa do Sertão”*, a qual deu origem a esse artigo, se debruçou no entendimento das seguintes questões: Como os lugares e cotidianos da “Princesa do Sertão” são retratados, mediante a evocação de memórias de oito idosos moradores da referida cidade, considerando as dimensões temporais (passado e presente)? Entrelaçadas à questão norteadora, apresentam-se três outras, a saber: 1) Quais lugares e cotidianos são revelados nas memórias narradas pelos idosos sobre a “Princesa do Sertão”? 2) Quais itinerários percorridos na cidade são retratados nas histórias narradas? 3) Quais sentimentos foram evocados pelos idosos ao narrar sobre o viver a cidade “Princesa do Sertão”?

Isso posto, esse escrito contempla a compreensão das reminiscências das experiências vividas por um grupo de oito idosos, na faixa etária de 60 a 85 anos que, desde a mais tenra idade, vivenciam e experenciam a cidade, circulam por seus lugares, acompanham as mudanças – sociais, políticas, econômicas e culturais –, testemunham as mudanças e permanências nos lugares da “Princesa” e, nesses percursos, constroem suas histórias no devir da vida.

Assim, mobilizar memórias, sentimentos e atribuir sentidos às vivências na cidade são questões que se entrecruzam nesta escrita, ao dar visibilidade às histórias de sujeitos que, durante décadas, percorreram itinerários, experienciaram lugares, viveram e/ou vivem o cotidiano de uma cidade. As histórias de vida expressam vivências e experiências que se revelam nos lugares da cidade, em seus múltiplos contextos, e reverberam nos sujeitos no seu modo de ser no mundo, uma vez que são nos lugares onde se dá o processo de construção dos sentimentos de pertencimento e de identidade.

O TECER A PESQUISA: CAMINHOS E PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento da pesquisa, algumas questões de caráter teórico-metodológico se fizeram necessárias. A princípio, foi realizada a revisão bibliográfica para a escolha de um referencial teórico, tendo em vista o embasamento dos conceitos estruturantes da pesquisa cujo objetivo foi ampliar as discussões que se entrelaçam neste estudo, a saber: história de vida; narrativa; idoso; cidade; tempo; memória; lugar e cotidianos.

Outrossim, após as leituras e as consultas de dados obtidos a partir da revisão de trabalhos de pesquisadores, disponíveis em livros, teses, dissertações, artigos, mapas, fotos,

bem como dados pesquisados na internet, foram escolhidos os dispositivos de recolha de dados para compor a pesquisa – questionário biográfico, entrevista narrativa e fotografias.

Dessa forma, no que tange aos procedimentos da recolha das fontes e compilação dos elementos pesquisados, foi utilizado, além da entrevista narrativa individual, o recurso de imagens (fotografias), com objetivo de mobilizar as memórias dos idosos sobre a cidade de Feira de Santana, entrecruzando temporalidades (passado/presente) e espacialidades.

No que se refere às entrevistas narrativas, foram realizadas por meio de sessões previamente agendadas e combinadas – com data, local e horário – pelos colaboradores. Após a realização das entrevistas, foram efetivadas a transcrição, a textualização, a interpretação e análise das narrativas.

As fotografias compuseram o acervo imagético e possibilitaram a análise contrastiva temporal e espacial dos lugares da cidade narrada. Ademais, esse recurso permitiu, também, caracterizar os cenários narrados, descrevendo as permanências e as mudanças nos cotidianos dos lugares que emergiram nas narrativas dos colaboradores da pesquisa. Dessa forma, ao eleger as fotografias, enquanto fonte de pesquisa, a intenção foi apresentar os lugares e os cotidianos da cidade “Princesa do Sertão”, entrecruzando as dimensões temporais – passado e presente – com as narrativas dos colaboradores.

A escolha pela cidade de Feira de Santana, como *locus* desta pesquisa, parte das seguintes questões: a) Os escassos registros documentais sobre a cidade de Feira de Santana, por meio de dispositivos (auto)biográficos; b) A contínua perda de memórias da cidade em virtude da destruição de seu patrimônio público e substituição por novas formas espaciais, atreladas ao avanço da modernidade; c) A falta de políticas públicas voltadas para preservação da história da cidade; d) A relação pessoal da pesquisadora (primeira autora do texto), de vivências e de experiências, bem como o sentimento de afeto com a cidade e os seus lugares; e) Os desdobramentos de realidade cotidiana de professora de Geografia (primeira autora do texto), do Ensino Médio, na cidade de Feira de Santana que demandam a produção de conhecimento e de registros de suas memórias, contributos necessários para a abordagem didático-pedagógica dos patrimônios material e imaterial da “Princesa do Sertão”, no tocante à conservação de sua identidade e sua história.

O percurso teórico-metodológico contemplado na pesquisa narrativa se apoia na abordagem qualitativa, ancorado no método (auto)biográfico. Por meio da interpretação e análise das narrativas, buscamos compreender as reminiscências das experiências vividas por um grupo de idosos, sobre os lugares e cotidianos da cidade “Princesa do Sertão.”

O principal foco esteve ancorado nas especificidades e na compreensão do fenômeno a ser estudado. A esse respeito, Freitas (2002, p. 29) sinaliza que a pesquisa qualitativa

[...] não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, dialógica. Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As enunciações acontecidas dependem da situação em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores, depende da fala. Na entrevista é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social.

Dessa forma, Freitas (2002) assevera que na pesquisa qualitativa, a linguagem é interativa, pois há um sujeito que se expressa e, ao se expressar, carrega outras vozes que refletem a sua realidade e a realidade de seu grupo social. Assim, parte do princípio de que uma pesquisa de enfoque qualitativo tem como pressuposto a orientação para a compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade, no seu acontecer social e histórico. Portanto, “[...] o pesquisador não cria uma situação artificial para ser pesquisada, onde as questões formuladas são estabelecidas a partir da operacionalização de variáveis, ele vai ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento”. (Freitas, 2002, p. 29).

A pesquisa narrativa, por sua vez, tem como objetivo entender a vida humana a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. Isso implica uma análise cuidadosa e reflexiva das histórias que são contadas e recontadas ao longo do tempo, não apenas pelos sujeitos, mas também pelo próprio pesquisador.

Dessa forma, a narrativa é entendida como uma prática social que envolve a construção de significados e identidades dos sujeitos. É uma técnica oportuna, por fazer com que esses sujeitos se sintam como personagens da vida, validando as suas histórias em nossas vidas e na vida da própria cidade (Delory-Momberger, 2008). É um dispositivo de estudo que propicia ao pesquisador compreender os processos constituintes da construção identitária no espaço social e coletivo dos sujeitos pesquisados ao compreender as maneiras pelas quais eles dão significado às suas experiências. Ao mesmo tempo, imprime uma autorreflexão de fatos relevantes sobre as histórias de vida de quem narra e torna-se um referencial importante para a reflexão crítica do sujeito que pesquisa, ou seja, as narrativas do outro provocam uma autorreflexão de si.

Segundo Brito (2016, p. 109), “[...] a narrativa possibilita, portanto, o desenvolvimento tanto da consciência sobre as experiências vivenciadas, quanto o autoconhecimento situando o narrador como sujeito de sua própria história”. Desse modo,

Narrar é descrever e construir histórias de vida, na percepção singular que cada sujeito elabora. Assim, narrar é uma forma de estar e conhecer o mundo e remete a uma série de pressupostos e implicações subjacentes a objetividade, subjetividade e seus cruzamentos. Esses elementos revelam a historicidade que marca a construção da existência, da identidade humana, considerando as conexões em âmbitos social e individual. (Moura, 2021, p. 12)

Assim, os relatos de história de vida, em que as temporalidades (passado e presente) e as espacialidades se entrecruzam, coadunam para compor narrativas desses idosos sobre a cidade de Feira de Santana, a “Princesa do Sertão”.

Vale ressaltar que o que se buscou não foi uma verdade absoluta sobre os sujeitos (participantes da pesquisa) e as suas histórias, mas como ele incorpora o que foi vivenciado e experienciado ao longo da vida, situações reveladas por meio de suas narrativas, ao evocar memórias individuais e coletivas.

Da mesma forma, a opção pelo método (auto)biográfico, na perspectiva da pesquisa narrativa, justifica-se pela intenção de conhecer os sentidos atribuídos pelos colaboradores, acerca de suas memórias, seus itinerários, suas vivências e experiências com/nos lugares e cotidianos da cidade de Feira de Santana, bem como por considerar a perspectiva metodológica mais apropriada para (des/re)velar as subjetividades nas narrativas das histórias de vida explicitadas a partir das memórias – individual e coletiva – dos colaboradores.

Ferrarotti (2010, p. 43) revela a importância do método (auto)biográfico, pois ele “[...] se caracteriza não só pela riqueza do material biográfico, mas também pela subjetividade na comunicação interpessoal entre o narrador e o observador”. Para esse autor, o método biográfico possibilita ao pesquisador, no devir do ato de pesquisar,

[...] reconhecer que ele não sabe, que ele só pode começar e saber com os outros – com as pessoas – com o saber das pessoas e especialmente com o saber que seus interlocutores – ou seus ‘interagentes’ – constroem com eles nas tomadas de fala, nas conversações, nas narrativas. [...] e isso exige estar em contato imediato com as pessoas ou os grupos sobre os quais se investiga, desenvolve relatos de interação, uma relação interpessoal complexa e recíproca, na qual o pesquisador é ele próprio um ‘pesquisado’. [...] Nessa interação de pesquisa não há um investigador ou um observador que conhece e um investigado ou um observado que é conhecido. [...] o observador está completamente envolvido no campo de seu objeto que é nele mesmo modificado. O conhecimento não tem por objetivo outro que não a interação recíproca entre observador e observado, é um conhecimento a dois que se constrói em uma interação, em uma intersubjetividade.

A partir dessa interatividade, conforme destaca Ferrarotti (2010), o método (auto)biográfico responde a uma demanda metodológica de percepção da subjetividade que propicia tanto ao pesquisador quanto ao sujeito da pesquisa uma análise e uma apreensão dos

processos de construção de sua identidade, no espaço social, que os levam à compreensão de seu papel enquanto ser no mundo.

Assim sendo, ao se interpretar as narrativas sobre as histórias vividas, no processo de construção espacial, as pessoas são influenciadas pelas representações construídas no fluxo do tempo e, a partir dessas representações, são acionadas as memórias. Na memória guardamos as lembranças vividas, é por meio delas que constituímos nossa identidade pessoal, social e espacial. E, ao analisar o passado em busca de apropriação da memória pela história narrada, estamos sempre influenciados pela marca da temporalidade e da espacialidade. Souza (2004, p. 173) nos lembra que

A arte de lembrar remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, com um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais articulam-se com as lembranças e as possibilidades de narrar as experiências. O tempo é memória, o tempo instala-se nas vivências circunscritas em momentos, o tempo situa-se no passado e no presente.

Dessa forma, acreditamos que o grupo de colaboradores idosos da pesquisa, protagonistas das histórias vividas, ao narrar sobre suas memórias sobre as vivências e as experiências dos/com/nos lugares da cidade “Princesa do Sertão”, teve a possibilidade de refletir sobre suas itinerâncias de vida familiar, profissional, social, cultural, no tempo e no espaço, e ressignificar as visões que possui de si, resgatando, assim, suas histórias pessoais. O idoso ao evocar suas lembranças, coloca-se em uma função social, uma vez que seleciona aspectos/elementos de suas vivências e experiências que considera importantes no presente, contribuindo para elaboração de novas memória da cultura do seu grupo (Bosi, 1979).

Ao escolher os idosos como colaboradores da pesquisa, houve o entendimento de que, por meio de suas recordações e história de vida, estes tornam-se construtores sociais, cujo legado permite acesso a um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade de conhecimentos que não conhecemos e que nos é revelado mediante à evocação de suas memórias, narradas no presente, sobre o seu passado com perspectivas para o futuro. Desse modo, torna-se pertinente salientar que, nesse processo de rememoração, coadunamos com Bosi (1979, p. 55), ao afirmar que “[...] lembrar não é reviver, e sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado”.

Cada narrador, ao relatar o vivido, constrói imagens que foram vividas de forma individual e coletiva. Essas imagens são carregadas de ensinamentos, significados, sentidos e reflexões e, ao contar as suas histórias, o narrador (idoso) socializa não apenas as narrativas de

si, mas também as experiências e saberes preservados das vivências do passado que retratam a vida na cidade.

Assim, a memória dos idosos, quando evocadas, colocam em cena narrativas de si como também de tantas outras histórias que revelam laços de identidade das pessoas, coisas e lugares, constituindo-se em registros não só de uma história de vida, mais sim de histórias da cidade narrada, concebida e vivida. As memórias narradas auxiliam no entendimento dos processos históricos, sociais, culturais e afetivos, como também transformações dos espaços físicos, por meio das lembranças guardadas tanto no âmbito individual quanto coletivo. Assim, a memória e identidade se articulam e dão visibilidade às histórias da cidade retratada.

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: NARRATIVAS DE SI E DA CIDADE

Ao evocar as reminiscências dos tempos da infância, juventude e idade adulta, os colaboradores da pesquisa narraram histórias que transversalizam as memórias que guardam sobre as situações experienciadas nesse devir, descrevendo muitos lugares da cidade de Feira de Santana, pelos quais demonstram uma significativa relação afetiva.

Muitos desses lugares já não comportam as mesmas formas e funções (Santos, 1988). Alguns já não existem, foram transformadas acompanhando o processo de crescimento da cidade e suas novas necessidades. Como exemplo, podemos citar as mudanças nas Avenidas Senhor dos Passos e Getúlio Vargas. No passado, abrigavam moradias da população mais abastada da cidade, conforme excerto da narrativa do colaborador José Carlos (Zé Coió)³ sobre as transformações, em uma das principais vias públicas, testemunhadas ao longo dos anos:

[...] Lembro também da Avenida Senhor dos Passos, [...]. Lá moravam as famílias mais ricas da cidade, mas todo mundo era amigo. As casas eram grandes, bonitas, com jardim e com quintais enormes e hoje, na sua grande maioria, foram transformadas em empreendimentos comerciais, financeiros, clínicas médicas e negócios de modo geral. (José Carlos – Entrevista Narrativa, 2022).

A respeito da Avenida Senhor dos Passos, o senhor José Carlos (Zé Coió) preserva na memória a disposição das casas alinhadas, que seguiam o padrão arquitetônico e estético das edificações do seu tempo, e, nas quais, residiam as famílias tradicionais e mais abastadas da

³85 anos, natural de São Gonçalo dos Campos – BA/Recôncavo Baiano. Curso o Primário em Feira de Santana. Profissão Jornalista, diretor e editor do Jornal Noite e Dia Zé Coio Ltda. Há 79 anos mora em Feira de Santana.

cidade. A mencionada avenida já se caracterizava como uma via mais alargada para os padrões daquele tempo, com menos edifícios e mais construções de casarões residenciais. No entanto, já se destacava como umas das principais vias da cidade com grande potencial comercial e relevância social, conforme mostram as figuras 1 e 2.

Figura 1. Avenida Senhor dos Passos (Passado)



Fonte: Núcleo da Preservação da Memória Feirense - Rollie Poppino⁴– Feira de Santana.

Figura 2. Avenida Senhor dos Passos (Presente)



Acervo da pesquisadora (2023).

⁴Fonte: Arquivo Helnando Simões - não há identificação do provável autor da época. "Fila.Fot- Ama". Núcleo da Preservação da Memória Feirense – Rollie Poppino – Feira de Santana- Bahia⁷⁹
Feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=1#gallery1-99/.

Da mesma forma, ao narrar sobre o vivido, o feirante Raimundo Nunes⁵ expressa com detalhes as experiências com e nos lugares da cidade, com ênfase à feira livre, concebida, também, como um lugar de encontro e, claro, lugar de compra e venda de mercadorias advindas de outros tantos lugares. Sobre essas memórias, ele narrou:

Aos domingos, a feira começava ali na rua Marechal Deodoro e se estendia pela Avenida Getúlio Vargas até o Hospital EMEC, e vinha gente de toda parte. E aos domingos, à noite, o pessoal começava arrumar as bancas, já botava seus mantimentos, suas coisas para vender na segunda. As mercadorias chegavam dos lugares próximos e também de várias outras localidades da Bahia e até de outros estados. O caju vinha de Sergipe e Rio Grande do Norte, e as tangerinas, pequenas e a poncã, bem amarelinhas, vinham da região Sudeste, de São Paulo, e a jaca do Recôncavo, e a gente comia as frutas ali mesmo. Na feira tinha de tudo, de mercadorias, frutas, verduras, animais, colhões, panelas de barros, muitas outras coisas. Tudo era comercializado. Os animais que traziam as mercadorias e vinham também para serem vendidos, burros, jegues, bois, passavam nas ruas fazendo um barulho danado, guiados pelos vaqueiros. [...] Ah! tinha também o Mercado Municipal, onde era comercializado também a carne bovina, objetos de cerâmica, objetos de palha, farinha, e todo tipo de coisas. Hoje é um grande celeiro de cultura. O Mercado Municipal, hoje é o Mercado de Arte Popular de Feira de Santana, ali na proximidade da Praça da Bandeira. (Raimundo Nunes Silva – Entrevista Narrativa, 2022)

Ao relatar suas vivências na feira livre de Feira de Santana, como feirante e consumidor, Raimundo Nunes, descreve esse lugar. O narrador destaca a chegada dos feirantes, representando o início da atividade comercial e a dinâmica gerada pelo fluxo de pessoas e de mercadorias. A narrativa descreve um ambiente animado e movimentado, quando ele dá ênfase ao barulho resultante da circulação dos animais, especificamente, o gado bovino, guiado pelos vaqueiros e seus muare. Esses elementos criavam a sensação de energia de vida que permeava o ambiente. A feira livre para o senhor Raimundo Nunes também era sinônimo de cores, cheiros e sabores, revelados pela diversidade de produtos que eram comercializados, como as frutas de época, de tonalidades vibrantes, provenientes das cidades circunvizinhas. (figuras 3)

A feira livre de Feira, para o senhor Raimundo Nunes, também era sinônimo de cores, cheiros e sabores, revelados pela diversidade de produtos que eram comercializados, como as frutas de época, de tonalidades vibrantes, tamanhos e formas diferenciados, provenientes das cidades circunvizinhas e de outros lugares e estados, as quais podiam ser degustadas ali mesmo no chão da feira livre por todos que apreciavam esse hábito e concebiam, assim como ele, como

⁵ 66 anos, nasceu na cidade de Feira de Santana - BA. Possui Ensino Médio incompleto. Profissão Feirante desde 1963.

algo rotineiro e divertido, desprovido de preconceito ou de maiores preocupações.

Figura 3 - Dia de feira na cidade Feira de Santana /BA (Passado)



Fonte: Memorial da Feira⁶

A feira, para senhor Raimundo, era um lugar cheio de vida, de movimento e de energia, onde os sentidos eram estimulados pelo meio visual, auditivo, degustativo e tátil. Essa perspectiva observadora contribui para uma construção vívida e imersiva da feira livre.

Nesse sentido, fica latente o modo como o senhor Raimundo Nunes concebe a feira livre de Feira de Santana, cujas memórias narradas enfatizam a importância econômica, mas também social e cultural do lugar, mediante as relações que foram estabelecidas no seu devir. Assim,

O ato de ‘fazer a feira’, mais do que simples utilitarismo, agrega valores e significados. A prática desse comércio de rua constitui-se como um arranjo social, no qual são estabelecidas trocas simbólicas e uma forte sociabilidade, uma afirmação e reafirmação dos laços sociais. Concepções de mundo, formas de viver e se relacionar, todo um sentimento comum está presente no apertado corredor da feira, onde encontros e desencontros acontecem (GONÇALVES; ADBALA, 2013, p. 1).

Segundo os autores, a feira livre se configura em um ambiente não só de operações comerciais para prover as necessidades básicas, mas, também, como um lugar marcado por momentos singulares de especificidades e de intensificação das relações humanas. Para o senhor Raimundo, para além da função primordial da feira livre como espaço de compra e

⁶Disponível

<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=7>. Acesso em: 15 de jul. 2023.

em:



venda, era concebida como lugar de divertimento, do aconchego, do visitar e do se alegrar com a presença do outro. Era um lugar de encontro de culturas, de pessoas e de vivências.

Sobre as reminiscências dos lugares de entretenimento e de festividades em Feira de Santana, o Cine Íris e o Feira Tênis Clube fizeram parte do repertório de lembranças afetivas da infância e da adolescência de dona Maria de Lourdes⁷, e aparecem com destaque em sua narrativa

[...] Do Cine Íris, também guardo na memória as matinés aos domingos, como também o Feira Tênis Clube, e as festas que ocorriam ali, como o baile A noite no Havaí, a “Boite do Guaraná” e os Bailes de Micareta. Vivi muito aquilo tudo. Esse ainda existe, mas, já mudaram a estrutura. Daqui uns dias vão até derrubar aquilo ali, não duvido nada (Maria de Lourdes – Entrevista narrativa – 2022).

O Cine Íris e o Feira Tênis Clube foram evocados como espaços de diversão das tardes de domingos, em que dona Lourdinha participava das frequentes matinés, como alternativa de lazer nos finais de semana. Espaços esses tiveram grande importância para construção de vínculos sociais e formação das identidades coletivas. Promoviam momentos festivos, encontros, exibição de filmes, bailes, espetáculos e práticas poliesportivas. Porém, ambos, ao longo dos tempos, passaram por um processo de transformação e perderam sua originalidade. Essas transformações estão relacionadas às mudanças nas práticas culturais e nas formas de sociabilidade das pessoas. (figuras 4 e 5).

Figura 4. Cine Íris – Avenida Senhor dos Passos (Passado)



Fonte: J. Nogueira⁸

⁷ 63 anos, natural da cidade de Feira de Santana-BA. cursou até o Ensino Médio. Profissão Produtora Cultural e Presidente do Núcleo Cultural e Educacional Social Quilombola Odungê.

⁸Disponível em:

<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#gallery9-25>. Acesso em: 12 de mar. 2023.

Figura 5. Feira Tênis Clube (Passado)



Fonte: SIMAS, Adilson, 2018⁹

Já o senhor Marcelo Pinto¹⁰ destacou também em sua narrativa, as águas das lagoas que compunham a vastidão lacustre da cidade de Feira de Santana, durante sua infância e adolescência.

As lagoas de Feira de Santana eram muito boas, até se pescava nelas porque tinham muitos peixes. E, inclusive, a Lagoa Grande era uma das lagoas que abasteciam a cidade com a água potável. A água era tratada e distribuída para a cidade através das caixas d'água localizadas no bairro Cruzeiro e no bairro Serraria Brasil. Depois da construção da Hidrelétrica Pedra do Cavalo¹¹ houve a mudança. Colocaram aquele reservatório no bairro Tomba, que passou a abastecer a cidade com a água vinda de lá. As lagoas eram uma diversão muito boa, principalmente a de São José, que chegaram a chamar a praia de Feira de Santana. Naquele tempo, todo mundo ia pra lá e era muita gente que ia se divertir na lagoa, tomando banho e brincando nas águas. Tinha também o Tanque da Nação, onde a meninada toda tomava banho, e onde, inclusive, as mulheres até lavavam roupas e com o tempo, fizeram os chafarizes. No Sobradinho foi construído um, onde fica a Fonte do Lili, e em outros bairros, também, os prefeitos fizeram depois, para dar apoio às lavadeiras e aí as lagoas deixaram de ser usadas por essas pessoas. Hoje algumas dessas lagoas foram revitalizadas. As lagoas que estão no centro da cidade estão bem bonitas e conservadas, a exemplo da Lagoa Salgada e também, a lagoa que fica na Avenida José Falcão da Silva, conhecida popularmente Lagoa do Prato Raso e, por alguns,

Lagoa do Geladinho, devido à temperatura da água que era bem fria, hoje conhecida como Parque da Lagoa – e fica dentro do Parque Erivaldo Cerqueira –, criado recentemente pela prefeitura de Feira. Em Feira tinham tantas lagoas, mas muitas

⁹ Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2018/09/feira-de-santana-em-historia-lebrando-o-aristocratico-feira-tenis-clube-por-adilson-simas/>-. Acesso em: 12 de mar. 2023

¹⁰ 72 anos, natural da cidade de Santa Bárbara - BA. cursou até o Ensino Médio no Colégio Estadual. Profissão Comerciante; Reside na cidade de Feira de Santana há 58 anos.

¹¹ Inaugurada em 1985, a barragem teve sua construção iniciada na década de 70. O projeto que tinha como prioridade a criação de um reservatório de água para o abastecimento da cidade de Salvador, região metropolitana e município do recôncavo, assumiu a responsabilidade pela operação do reservatório de Pedra do Cavalo, tendo em vista o controle de cheias nas cidades de São Félix e Cachoeira e o abastecimento de água de Salvador e de Feira de Santana – BA.

desapareceram com o progresso da cidade. Essas lagoas surgiram a partir das muitas vertentes que tinham em Feira, inclusive, ali perto da Avenida Zé Falcão, [...] ali tudo era minadouro, por isso deram também o nome ao bairro. No outro lado da cidade, também tinha olhos d'água, porque em toda parte e lugares da cidade sempre tinha uma fonte ou um manancial. Era água brotando da terra por todos os lados, mas muitas não foram preservadas, foram aterradas para dar lugar a novos bairros, a residências ou casas comerciais (Marcelo Pinto – Entrevista narrativa – 2023).

Em sua narrativa, o colaborador Marcelo Pinto destaca a relevância das lagoas como lugares não apenas de lazer e entretenimento, mais também como uma fonte fundamental de abastecimento de água potável para os moradores da cidade. Além disso enfatiza a importância dessas lagoas, que no passado, eram verdadeiras fontes de vida e biodiversidade, ressaltando as atividades de pesca e a abundância de peixes nesses ambientes. Essa dualidade de funções, destacava a multifuncionalidade desses corpos d'água e contribuição para a vida urbana e o equilíbrio do ecossistema.

Atualmente muitas dessas lagoas estão em processo de assoreamento, acúmulo de terra, lixo, em suas margens, devido a ocupação desordenada, e algumas foram aterradas para dar lugar a construção de prédios comerciais, condomínios residenciais e /outros equipamentos urbanos. Outras foram revitalizadas e transformadas em parques público, locais de visitação e entretenimento representadas nas figuras 6 e 7.

Figura 6. Tanque da Nação (Passado)



Fonte: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/feiraemhistoria>.

No entanto, é necessária uma maior atenção dos poderes públicos no que tange à proposição e efetivação de políticas públicas de preservação e conservação desses ambientes aquáticos, por meio de ações que garantam a manutenção das características próprias de sua biodiversidade, como também de uso racional e sustentável.

Figura 7. Lagoa Grande, atual Parque Lagoa Grande



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

O feirante Raimundo Nunes também rememorou, igualmente aos colaboradores Lindiomar e Juarêde, episódios de sua infância e da adolescência relacionados ao trem, que “cortava” os bairros até chegar à Estação Ferroviária, no centro da cidade. Sobre as memórias guardadas referentes a essa questão, ele narrou:

Ah! Tem um fato curioso desse trem que vinha do Recôncavo. Ele vinha de cachoeira e passava pelo bairro Tomba, hoje rua Papa João 23, e contam os mais antigos que quando ele passava ali pelo bairro, tinha uma elevação e o trem ao passar por ela o maquinista avisava “Óh!!.. vai chegar o tombo!”, para o pessoal se preparar porque o trem ia trepidar bastante, e por conta disso, o nome do bairro foi criado em cima desse fato geográfico...risos. O bairro é praticamente uma pequena cidade. Ali tem de tudo, eu não sei a quantidade de habitantes, mas sei pelo que falam, têm cidades pequenas que não têm a população que tem o Tomba do tombo do trem (Raimundo Nunes – Entrevista narrativa 2023).

Esse elemento curioso, narrado por senhor Raimundo, adiciona um aspecto intrigante à narrativa histórica do trem, especialmente no que diz respeito à denominação do bairro Tomba, localizado na parte sul da cidade. Esse episódio revela uma peculiaridade geográfica. É interessante notar como esse acontecimento peculiar influenciou o nome do bairro. De acordo

com a tradição local, o nome “Tomba” foi derivado não só de uma elevação geográfica local, mas também da referência feita pelo maquinista à expressão “o tombo” ao passar por ali. Essa particularidade geográfica faz parte da história do bairro, ligada ao evento singular relacionado à mobilidade ferroviária.

A inclusão dessa característica geográfica curiosa do relevo acrescenta uma dimensão histórica à narrativa, mostrando como eventos específicos podem influenciar a criação de nomes de lugares e como se tornam parte da identidade e da cultura local.

APONTAMENTOS FINAIS

As reflexões apresentadas no devir desta escrita versam sobre questões vinculadas à mobilização das memórias, dos sentimentos e dos sentidos vividos pelos idosos, na cidade de Feira de Santana, entrecruzando suas histórias de vida com a história da cidade.

Nota-se no devir da interpretação e análise das narrativas que os colaboradores participantes da pesquisa, ao mobilizar memórias, muitas histórias foram narradas, as quais entrecruzam histórias de vida com as histórias da cidade “Princesa do Sertão”. Os caminhos percorridos pelas ruas e avenidas, os lugares e seus cotidianos experienciados, as vivências nos espaços públicos e privados, demarcam singularidades e retratam sentimento de pertencimento e identidade com a cidade. Como salienta Bosi (2003, p. 206), “[...] A cidade, como a história da vida, é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destinos, trajetórias da alma” entre o passado e o presente.

Ao buscar compreender, a partir das memórias evocadas e narradas, as percepções do/sobre o vivido (experiências) de diferentes sujeitos sociais (idosos) e as práticas cotidianas nos lugares onde a vida acontece, a mencionada pesquisa colocou em evidência a relevância de estudar os lugares por meio das narrativas de seus moradores, as quais são permeadas de histórias que relatam transformações espaciais ao longo do tempo. As narrativas dos idosos são testemunhos da história da cidade, a qual precisa ser concebida como cenários das vidas em movimento, das identidades forjadas e das situações experienciadas.

Ao estudar a cidade, é preciso compreender sua história e perceber que as vivências nos seus lugares envolvem não apenas a observação dos elementos físicos das paisagens, mas também as experiências – sociais, culturais e emocionais – dos indivíduos que habitam e interagem com a cidade.

A cidade é percebida e sentida de maneira única por cada pessoa, e estudar a cidade envolve analisar tanto o que é estabelecido e normatizado, que implica em espaços de representação quanto ao que foge à regra, ou seja, representações do espaço. Isso significa considerar tanto os espaços planejados formalmente e regulamentos, como também os espaços informais, espontâneos, imaginários, de memórias que emergem a partir das ações cotidianas das pessoas, uma vez que a cidade resulta das múltiplas formas de percepção e de interação com o espaço urbano, em que diferentes grupos sociais criam perspectivas distintas e que podem levar a contradições e a emoções na forma como a cidade é vivida e experimentada.

Nesse contexto, cada indivíduo, ao criar uma representação de uma cidade, incorpora experiências do viver cotidiano e, quando mobiliza as memórias, narra o que testemunhou, o que foi vivido. Nessa trajetória, segundo Delory-Momberger (2012, p. 39), “A narrativa transforma os acontecimentos, as ações e as pessoas do vivido em episódios, em enredos e em personagens; ordena os acontecimentos no tempo e conferindo-lhes significados.”

E, nesse percurso narrativo, os sujeitos são capazes de “mergulhar” em um mundo próprio de lembranças, mobilizando tradições, costumes, vivências e experiências e, nesse exercício, transmitem conhecimentos adquiridos ao longo da vida e que muitas vezes não são registrados na história oficial. Os estudos que exploram essas questões são de grande importância para a compreensão da cidade contemporânea. Eles nos ajudam a compreender a necessidade de novas abordagens para entender a cidade, considerando as múltiplas perspectivas e experiências vividas pelos cidadãos.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. Memória da cidade: lembranças paulistas. **Estudos avançados**. Vol.17 no. 47. São Paulo, 2003.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 1ª série. Volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

BRITO, A. E. Narrativas de alfabetizadores bem sucedidas; a prática docente como objeto de análise e reflexão. UFPI/CCE – Linguagens, Educação e Sociedade – **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI**. Teresina, Ano 21, nº 35, jul/dez 2016.

DELORY-MOMBERGER, C. **A condição biográfica** – Ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga; Maria da Conceição Passeggi; Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João G. da Silva Neto, Luís Passeggi. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRRN, 2008.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002.

FERRAROTTI, F. Sobre a Autonomia do Método Biográfico. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa (Portugal): Pentaedro Publicidade e Artes Gráficas, 2010.

GONÇALVES, Alexandre Oviedo; ABDALA, Mônica Chaves. “Na banca do ‘Seu’ Pedro é tudo mais gostoso”: personalidade e sociabilidade na feira-livre. **Ponto Urbe [Online]**, 12 | 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/528>. Acesso em: 22 jul. 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>. Acesso em: 27 jan. 2023.

MOURA, K. M. P. **Narrativas digitais na formação de professores**: potencialidades, dimensões formativas e construtos de identidade docente. 2021. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Universidade Federal do rio Grande do Sul. Porto Alegre. UFRGS, 2021.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2004.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.